



O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em *Tristes Tropiques*

Alice Maria de Araújo Ferreira

Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto de Letras-IL ICC sul, 70910-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
 E-mail: malice4869@gmail.com

RESUMO. *Tristes Tropiques*, de Claude Levi-Strauss, publicado em 1955, é um relato sobre a viagem que o autor/etnógrafo fez na América, em particular no Brasil, nos anos 1930. Com uma poética livre que não obedece a austeridade dos trabalhos científicos, Levi-Strauss instaura uma reflexão que criará uma ruptura decisiva nos estudos etnográficos e nas ciências humanas em geral: a ruptura do olhar. Seu objeto não é propriamente a cultura dos índios no Brasil, mas o próprio Levi-Strauss como sujeito do olhar. Como apreender um objeto que muda à medida que o olhamos? O que faz o olhar ao objeto no momento em que olha, observa, analisa, descreve, enfim, traduz? Trata-se de entender o que o tradutor faz ao discurso do outro quando o traduz. No artigo analisamos diferentes estratégias de tradução do português para o francês que Levi-Strauss propõe em *Tristes Tropiques*. Pensando a tradução etnográfica a partir do paradigma da descrição e como encontro de culturas (não como substituição), analisamos o processo operado no espaço entre a experiência do olhar e a produção do discurso desse olhar, de maneira a compreender o valor produzido no final do eixo correspondente à tradução-descrição etnográfica.

Palavras-chave: *Tristes tropiques*, tradução etnográfica, descrição etnográfica, olhar, visível/dizível.

The paradigm of description in ethnographic translation: the translator Levi-Strauss in *Tristes Tropiques*

ABSTRACT. Published in 1955, *Tristes Tropiques* by Claude Levi-Strauss is an account of the journey that the author and ethnographer made on the American continent, especially in Brazil, in 1930. With a free poetic style not restricted by the austerity of scientific work, Levi-Strauss introduced a reflection that established a crucial rupture in ethnographic studies and in the humanities in general, or rather, the rupture of the gaze. His aim is not precisely the culture of the indigenous people in Brazil, but Levi-Strauss himself as the subject of the gaze. How may one grasp an object that changes as one gazes at it? How does the gaze affect the object while gazing, observing, analyzing, describing, and translating it? Current essay discusses what the translator does to the speech of the other when translating it. Different translation strategies from Portuguese into French proposed by Levi-Strauss in *Tristes Tropiques* are discussed. Conceiving ethnographic translation from the description paradigm and as an encounter of cultures (but not as replacement), the author analyzes the process performed within the gap between the gaze experience and the production of speech of such gaze to understand the value produced at the end of the axis corresponding to the ethnographic translation-description.

Keywords: *Tristes Tropiques*, ethnographic translation, ethnographic description, gaze, visible/speakable.

Si l'on ne peut percevoir le monde en dehors de l'acte de regard et décrire ce que l'on perçoit en dehors de la parole et de l'écriture, c'est qu'il est impossible de sortir tant du corps que du langage (LAPLANTINE, 2010, p. 105).

Introdução

Tristes Tropiques, de Claude Levi-Strauss, publicado em 1955, é um relato sobre a viagem que o autor/etnógrafo fez na América, em particular no Brasil, nos anos 1930. A obra já foi classificada como literária; o próprio Levi-Strauss diz ter começado pensando nesse gênero mas, que 'por falta de imaginação', não concluiu tal obra e que dela restam

algumas passagens como *le coucher de soleil* (capítulo VII). Com uma poética livre que não obedece a austeridade dos trabalhos científicos, Levi-Strauss instaura uma reflexão que criará uma ruptura decisiva nos estudos etnográficos e nas ciências humanas em geral: a ruptura do olhar. *Tristes Tropiques* apresenta uma reflexão epistemológica sobre a delicada questão da observação. Seu objeto

não é propriamente a cultura dos índios no Brasil, mas o próprio Levi-Strauss como sujeito do olhar. Como apreender um objeto que muda à medida que o olhamos? O que faz o olhar ao objeto no momento em que olha, observa, analisa, descreve, enfim, traduz? Nesse âmbito, a tradução, como olhar/escrita apresenta-se como questão fundamental. Trata-se de entender o que ela faz ao discurso do outro quando o traduz.

O objeto deste trabalho é a tradução etnográfica, tradução enquanto escrita, mas também tradução interlingual, já que em *Tristes Tropiques*, Levi-Strauss traduz alguns trechos do português brasileiro para o francês. Essas traduções aparecem no texto como interrupções da narrativa, entre vírgulas logo após o português ou ainda antecedidas de *c'est-à-dire* [quer dizer].

Os estudos da tradução e a etnografia têm relações importantes que discutimos no trabalho a partir dos sujeitos pesquisadores (etnógrafo e tradutor), ambos intérpretes do discurso do outro. Esses sujeitos operam processos de traduções: tradução do visível em dizível, próprio da descrição etnográfica (LA PLANTINE, 2005), e tradução de uma língua-cultura para outra, onde acontecem encontros de diferenças e não substituição.

Também discutimos a tradução etnográfica a partir do paradigma da descrição enquanto ruptura do olhar, como escrita da diferença e como tradução do olhar em linguagem (discurso).

A tradução-descrição etnográfica aparecem *Tristes Tropiques* com diversas estratégias e analisamos, a partir de exemplos extraídos do livro, quatro delas: a definição, a explicação, a hiperonímia e a tradução literal. Todas elas se configuram como descrição, todas traduzem o encontro com a diferença.

Tradutor e etnógrafo: sujeitos da descrição-tradução do outro.

A analogia entre o sujeito da etnografia e do tradutor se deve sobretudo ao fato que ambos se apresentam como intérpretes culturais e escritores. Por um lado, a perspectiva etnográfica nos convida a pensar a tradução enquanto processo que põe em jogo intermediários que operam redes de diferenças. E de outro, a etnografia não pode prescindir da tradução já que faz parte de suas questões de método.

A tradução não é aqui analisada como reflexo das normas de uma sociedade (estudos sociais da tradução) e/ou da subjetividade de um tradutor (estudos literários da tradução), mas como a expressão das relações que se tecem entre os

intermediários (estudo antropológico e etnográfico da tradução). Nosso interesse consiste em responder à pergunta: que tipo de encontro se manifesta no processo de tradução? Essa questão nos leva a discutir a concepção de tradução a partir das noções de dialética e de mestiçagem e, abrir espaço, nos estudos da tradução, para a noção de descrição.

Falar de tradução etnográfica como uma noção já corriqueira nos estudos da tradução é esquecer que o conceito nunca se deixa definir ou apreender e que suas definições devem ser re-pensadas sempre. Não vamos aqui elencar todas as acepções já encontradas nos diversos artigos que tratam da questão. Uma nos interessou em particular por ser contemporânea da escrita de *Tristes Tropiques*: Malinowski (1974, p. 73) propôs um conceito de tradução etnográfica que caracteriza como 'sucessiva'. Segundo ele, teríamos primeiro uma tradução literal seguida de uma tradução livre e acompanhada de comentários etnográficos. A tradução etnográfica, portanto, não é uma tradução 'substituição' e/ou 'equivalente', ela está presente ao lado da prática discursiva do outro a ser descrito.

Como prática de escrita e de pesquisa, a etnografia supõe a tradução interlingual como condição quase que *sine qua non*, já que, na maioria das vezes, o etnógrafo trabalha com populações que não falam a mesma língua que ele. No entanto, a tradução não parece ser um elemento problematizado nos trabalhos de etnografia. O próprio Levi-Strauss não faz quase nenhuma menção ao processo de tradução em *Tristes Tropiques*, nem em *Mythologiques*¹. Na maioria das vezes a tradução é vista como uma questão de método, de técnica para trabalho de campo, como a entrevista, por exemplo. Em *Tristes Tropiques*, Levi-Strauss faz menção à tradução em algumas notas, como na nota de rodapé da página 277: "Les spécialistes de la langue bororo contesteraient ou préciseraient utilement certaines de ces traductions; je m'en tiens ici aux informations indigènes"². Esta nota vem depois de uma enumeração de nomes de pássaros, árvores, e elementos da natureza, todos seguidos das suas traduções em francês. Quando a questão da tradução aparece, é enquanto interrogação sobre o papel específico da língua como objeto de estudo e sobre seu próprio discurso/linguagem enquanto veículo de saber/conhecimento. O que Berman (1984) denomina de *être-en-langue* [estar-em-língua].

¹Em *Mythologiques* (LEVI-STRAUSS, 1964, 1966, 1968, 1971), ele traduz os mitos a partir de versões intermediárias (inglesas ou portuguesas) mas não faz nenhum comentário e/ou problematiza a questão do deslocamento operado pelo processo de tradução.

²Os especialistas da língua bororo contestariam ou precisariam utilmente algumas dessas traduções; me apoio aqui sobre as informações indígenas" (tradução nossa).

A questão da tradução aparece, muitas vezes nos discursos etnográficos e antropológicos, como uma metaproblematização da língua e cultura.

Da mesma maneira que a etnografia começou a incorporar no seu discurso teórico a discussão sobre a tradução nas suas questões de métodos, alguns teóricos da tradução discutem hoje questões ligadas à etnografia e à antropologia como a escrita da diferença e a da alteridade; pensamos em particular em Laplantine e Nouss (2001) com a noção de mestiçagem; em Meschonnic (1982, 1999) e a crítica do ritmo como subjetivação da escrita, em Berman (1984, 2007) e a ética da tradução.

Uma questão levantada em *Tristes Tropiques* que nos interessa particularmente é a do sujeito da escrita etnográfica. Levi-Strauss instaura uma reflexão que criou uma ruptura decisiva nos estudos etnográficos: a ruptura do olhar. Seu objeto de inquietação é o próprio Levi-Strauss como sujeito do olhar. Trata-se de compreender o que faz o olhar, o pensamento ao objeto no momento em que olha, observa, descreve, enfim, traduz. Como apreender um objeto que muda à medida em que o olhamos? Da mesma forma para os estudos da tradução trata-se de entender o que o tradutor faz ao discurso do outro quando o traduz já que sua presença enquanto sujeito social e histórico está inscrita no seu fazer tradutório.

As questões antropológicas e etnográficas da linguagem nos levaram, desde final do século XIX, a ver como o pensamento, a cultura, a formação cultural encarnam-se na linguagem e na língua, que a tradução do mundo do outro exige novas/outras estratégias de escritas e que a etnografia do outro não pode ignorar a subjetivação do discurso nem sua historicidade. Lembramos aqui o alerta de Jorge Luis Borges (1982), quando diz que o retrato do outro corre o risco de se transformar em um autorretrato.

A tradução nesta perspectiva não é uma conversão do outro no mesmo, processo que Berman denomina de etnocentrismo e que chamamos de tradução narcíssica. Trata-se de entender a tradução, não mais como transporte, mas como relação, encontro com o outro. O traduzir é uma relação que mantemos com outrem, o outro discurso, e se caracteriza por isso como diálogo. E nesse período histórico que caminha para um pensamento único (a globalização, ou 'globalitarismo' para retomar o termo de Milton Santos, (2000)), o encontro é fundamental para a escrita da diferença. As prosas do mundo têm cores, melodias, imagens diferentes e a tradução não deve apagar a diferença, mas forçar nossa língua a falar com outras cores, outros ritmos. Cabe lembrar a frase de Levi-Strauss, em *Race et Histoire*, que ressalta

a importância do encontro: "L'exclusive fatalité, l'unique tare qui puissent affliger un groupe humain et l'empêcher de réaliser pleinement sa nature, c'est d'être seul" (LEVI-STRAUSS, 1952, p. 415)³.

Pensar a tradução como prática de mestiçagem (BERMAN, 1984; LAPLANTINE; NOUSS, 2001), é pensá-la a partir de uma dialética e conceber o processo numa perspectiva dialógica: "L'essence de latraduction est d'être ouverture, dialogue, métissage, décentrement. Elle est mise en rapport, ou elle n'est rien" (BERMAN, 1984, p. 16)⁴.

Trata-se também de re-situar o processo tradutório no âmbito do social e das relações históricas e não vê-lo apenas na perspectiva do íntimo⁵, de maneira a vê-lo também como ato de pesquisa e/ou de produção discursiva. Deslocamos o objeto da tradução dos produtos (os textos) para os processos. Nesta perspectiva, o dialogismo e a tradução como encontro ganham novo sentido.

Como falamos acima, a etnografia, enquanto escrita da diferença, abre espaço nas pesquisas em tradução para o paradigma da descrição. Cabe, aos estudos da tradução, discutir a tradução etnográfica no âmbito da descrição e compreender os procedimentos envolvidos nesse processo. Com efeito, a recusa e/ou impossibilidade da tradução substituição e equivalência, próprias do discurso etnográfico, leva o etnógrafo-tradutor a propor traduções paráfrases de ordem da descrição.

A descrição-tradução etnográfica

Se a descrição é considerada o 'B.A.BA' da etnografia, como diz Laplantine (2010), ou seja, uma questão fundamental e corriqueira, ela ainda é pouco ou quase nunca pensada nos estudos da tradução. Tanto em etnografia quanto em tradução, a questão da descrição é ainda, muitas vezes, associada ao conceito de representação enquanto exercício de transcrição e/ou decodificação dentro de uma tendência objetivista de discurso. Essa concepção é tributária de um pensamento binário em que se deve escolher entre os termos postos em relação disjuntiva e, portanto, excludentes: selvagem ou civilizado; conhecido ou desconhecido; intraduzível ou traduzível; oriente ou ocidente; sujeito ou objeto. Esse pensamento binário impossibilita apreender o entre-lugares, a oscilação, a presença-ausência, a indeterminação do sentido. Considerar a tensão/relação entre os dois termos é justamente

³A exclusiva fatalidade, a única tara que possam afligir um grupo humano e o impedir de realizar plenamente sua natureza, é de estar só".

⁴A essência da tradução é de ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentramento. Ela é relação ou não é nada".

⁵Concepção influenciada pelas teorias literárias que, mesmo valorizando a mestiçagem, o híbrido, mantém uma visão por vezes romântica e muito individual/autor do processo de criação ou de tradução, e nos convidam a ver a tradução como um ato de leitura e escrita.

afirmar que a realidade social que o etnógrafo-tradutor quer apreender está fora dele e não nele, mas que ela não tem nenhum sentido independentemente dele, ou como diz Laplantine (2010, p. 102): “Que c’est l’objet qui est perçu, mais lesujet qui perçoit [...]”⁶ ou ainda, como mostrou Levi-Strauss (1955, p. 47, grifo do autor), que o objeto é da mesma natureza que o sujeito: “Ma pensée est elle-même un objet. Étant ‘de ce monde’, elle participe de la même nature que lui”⁷.

Para Laplantine (2005), a descrição consiste em uma ‘transformação do olhar em linguagem’. O processo de descrição exige, para compreendê-lo, a interrogação dos processos que vão do visível ao legível. A descrição-tradução etnográfica é uma escritura do visível que põe em jogo a atenção do pesquisador (orientada e flutuante) e uma preocupação particular com a linguagem, já que se trata de ver com palavras. É a partir, nos diz Laplantine “[...] de ce voir organisé dans un texte que commence à s’élaborer un savoir: Le savoir caractéristique des anthropologues [...]”⁸, e acrescenta:

Si la description en tant qu’activité indistinctement visuelle et linguistique n’a, à notre connaissance, jamais été pensée comme telle par les ethnographes, alors qu’elle est pourtant la catégorie principale de l’ethnographie, c’est qu’elle appelle pour être comprise, une pluralité d’approches que l’anthropologie – qui n’est pas une discipline autosuffisante mais ouverte – se doit de fréquenter: les sciences naturelles, la peinture, la photographie, la phénoménologie, l’herméneutique, la théorie de la traduction, les sciences du langage, mais aussi la littérature qui n’est rien d’autre que le plein exercice du langage. (LAPLANTINE, 2005, introduction)⁹.

Ruptura do olhar: romper com o pensamento conservador

A tradução-descrição necessita de um distanciamento em relação à sociedade de origem para ficar mais perto do que era distante. De fato, o distanciamento permite a percepção que o que tínhamos como ‘natural’ na nossa sociedade, em particular a língua que falamos, através da qual se forma nosso pensamento, é, na realidade, um fato

cultural. Assim, o estranhamento, o espanto na formação do tradutor-etnógrafo provocado pelas línguas-culturas diferentes, levam a uma modificação do olhar que temos sobre nós-mesmo. Fechados em uma cultura, somos incapazes de descrever-traduzir a cultura do outro e temos dificuldades em ver a nossa. A experiência da diferença nos permite ver o que não conseguiríamos imaginar porque nossa atenção tem dificuldades em se fixar sobre o que nos é habitual e por isso acabamos achando que é normal. Somos tributários das convenções de nossa época, de nossa cultura, da nossa língua e do nosso meio social que nos designam o que devemos olhar e como devemos olhar. Assim, para Laplantine, a descrição é “[...] une activité à la fois linguistique et visuelle, une expérience du voir qui tente d’élaborer un ‘savoir’ (anthropologie) en faisant sans cesse retour au ‘voir’”¹⁰ (LAPLANTINE, 2005, s/p, grifos do autor).

A tradução etnográfica vista a partir do paradigma da descrição levanta as questões do olhar, da escrita e da produção textual. Compreender seu procedimento consiste em compreender as modalidades de passagem do visível para o dizível e dar conta da forma do conhecimento produzido e da tradução operada.

O problema da escrita é ao mesmo tempo metodológico e epistemológico já que o escrever manifesta o processo de construção do texto enquanto tradução. Para Laplantine, a escolha metodológica da descrição leva o pesquisador a passar por uma fase de reflexão sobre a relação entre o olhar e a escrita:

La description ethnographique [...] ne consiste pas seulement à voir, mais à faire voir, c’est-à-dire à écrire ce que l’on voit. C’est un processus généralement implicite, tant il paraît aller de soi alors qu’il est d’une complexité inouïe. Procédant à la transformation du regard en langage, il exige, si nous voulons le comprendre, une interrogation sur les rapports du visible et audible ou plus exactement du visible au lisible (LAPLANTINE, 2005, introduction)¹¹.

O estudo da descrição-tradução enquanto atividade de um sujeito que olha/lê e escreve o que olha/lê deve passar por uma ruptura do olhar isto é, uma ruptura com as noções de identidade e de representação que fomentam o pensamento binário

⁶“Que é o objeto que é percebido, mas o sujeito que percebe”.

⁷“Meu pensamento é ele-mesmo um objeto. Sendo ‘desse mundo’, ele participa da mesma natureza que ele” (tradução nossa).

⁸“desse ver organizado em um texto que começa a elaborar-se um saber: o saber característico dos antropólogos”.

⁹“Se a descrição enquanto atividade indistinctamente visual e linguística nunca foi, até onde saibamos, pensada como tal pelos etnógrafos, quanto ela é, no entanto, a categoria principal da etnografia, é porque demanda, para ser compreendida, uma pluralidade de abordagens que a antropologia – que não é uma disciplina autosuficiente mas aberta – se deve de frequentar: as ciências naturais, a pintura, a fotografia, a fenomenologia, a hermenêutica, a teoria da tradução, as ciências da linguagem, mas também a literatura que não é nada mais que o pleno exercício da linguagem”.

¹⁰“Uma atividade ao mesmo tempo linguística e visual, uma experiência do ver que tenta elaborar um ‘saber’ (antropologia) fazendo sempre um retorno ao ‘ver’?”.

¹¹“A descrição etnográfica [...] não consiste apenas em ver, mas em fazer ver, quer dizer em escrever o que vemos. É um processo geralmente implícito, de tanto parecer óbvio quando é de uma complexidade incrível. Procedendo à transformação do olhar em linguagem, ele exige, se queremos compreendê-lo, uma interrogação sobre as relações do visível e do dizível ou mais exatamente, do visível ao legível”.

e se desenvolvem dentro do conformismo e do imobilismo. Essas noções se opõem ao movimento, ao tempo e à instabilidade, e ficam aquém de um pensamento crítico. A identidade e a representação desconfiam da tensão entre o eu e o outro, elas são incompatíveis com os projetos de tradução e de descrição para os quais há algo do outro em mim e algo de mim no outro. Romper com essas noções conduz a romper com o pensamento conservador. Com efeito, considerando a realidade evidente e ignorando sua relação com a mobilidade e historicidade da linguagem, elas se apresentam como fundamentalmente conservadoras.

A descrição-tradução: do olhar à escrita

O problema levantado pela descrição enquanto tradução etnográfica convoca mais uma vez a questão da subjetividade do pesquisador, do etnógrafo-tradutor na experiência de contato com a diferença. Trata-se de se interrogar as implicações subjetivas que operam a passagem da leitura ao discurso, do olhar à escrita. Trata-se, também, de analisar o processo operado no espaço entre a experiência do olhar, a construção do olhar e a produção do discurso desse olhar, de maneira a compreender o valor produzido no final desse eixo correspondente à tradução-descrição etnográfica.

No que diz respeito à experiência do olhar e sua construção, Lacan (1973) nos lembra que o olhar pertence ao campo do outro (nasço sob o olhar do outro) e por isso já se configura como perda porque se inscreve no simbólico, ou seja, o olhar sobre mim existe antes de mim. Se o sujeito toma consciência do olhar na experiência do espelho e do olhar da mãe, esse olhar se apresenta como inscrição do simbólico na experiência do ver. Quando acreditávamos ser omnividentes, na realidade, só temos pontos de vistas, ou seja, estamos diante da inscrição da falta no ver: a inscrição no simbólico e/ou no mundo do outro. Além disso, nos diz Lacan, “[...] ce que jeregarde n’est jamais ce que je veux voir [...]” (LACAN, 1973, p. 95)¹².

Essa proposição apontando para a dialética do olho e do olhar é importante para compreensão da experiência do olhar. O etnógrafo-tradutor deve estar atento em não escrever essa falta entre o desejo de ver e a experiência do olhar, para não escrever seus próprios desejos do que quer ver:

Dans notre rapport aux choses, tel qu’il est constitué par la voie de la vision et ordonné dans les figures de la représentation, quelque chose glisse, passe, se transmet, d’étage en étage, pour y être toujours à

quelque degré érudé – c’est ça qui s’appelle le regard (LACAN, 1973, p. 70)¹³.

O trabalho de observação e de descrição-tradução etnográfica é o de perdas sucessivas: do ver no olhar e do olhar no discurso que se dirige ao outro.

A questão da transformação do olhar em linguagem, ou melhor, do olhar em discurso, passa pelo questionamento da própria noção de ‘transformação’ já que a atividade de percepção dificilmente é separável da atividade de nomenclatura. Ao inscrever-se no simbólico, o olhar já está na linguagem, ele instaura-se na falta e na relação com o outro. Para Laplantine, a descrição etnográfica corresponde à “[...] l’organisation textuelle du visible [...]” (LAPLANTINE, 2005, p. 27)¹⁴ e ainda define essa organização sendo “[...] une activité de construction et de traduction [...]” (LAPLANTINE, 2005, p. 37)¹⁵.

Essas considerações têm várias implicações: a cultura e/ou sociedade do outro é apreendida pelo processo de observação/descrição; o campo de estudo não se configura como realidade objetiva, mas como uma dupla construção semiótica que tem um lado subjetivo e um lado coletivo. A primeira transformação é subjetiva, ou seja, ela opera a passagem entre o olho (visão) e o olhar. O etnógrafo-tradutor organiza o *continuum* do campo estudado com um olhar específico que estabelece distinções e diferenças na realidade, isto é, um enquadramento e uma primeira nomenclatura da realidade observada. Nessa etapa, o campo já está semiótico, mas o sentido ainda só é válido para o etnógrafo-tradutor. A segunda transformação consiste em traduzir o olhar em discurso, em um discurso que tem coerções específicas ligadas ao tipo de discurso (científico e/ou literário). Para Laplantine (2005), a tradução consiste em situar o olhar próprio do etnógrafo-tradutor em uma rede de intertextualidade. O olhar ganha sentido comparativamente e diferencialmente em relação a outros discursos e olhares anteriores ou contemporâneos. Dessa maneira, o saber constituído no campo é o que emerge entre os olhares e os discursos que se confrontam, se limitam, se esclarecem uns aos outros.

O texto traduzido-etnográfico se relaciona por metonímia ao real da observação. Podemos dizer que o texto etnográfico é uma tradução e ao mesmo

¹²“O que olho nunca é o que quero ver”.

¹³“Na nossa relação às coisas, tal como é constituído pela via da visão e ordenado nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de andar em andar, para ser sempre em algum degrau eludido – é isso que se chama de olhar”.

¹⁴“organização textual do visível”.

¹⁵“uma atividade de construção e de tradução”.

tempo uma redução da realidade observada: como expressar pela linguagem a experiência do olhar? Nessa segunda etapa, aparecem (de novo) as questões de representação e representatividade do texto produzido em relação ao objeto observado. Como falamos anteriormente, a noção de representação necessita de um questionamento epistemológico. Em certa medida, o texto do jornal (cadernos do etnógrafo) quer ser uma representação do campo e dar acesso a um saber.

No entanto, já alertamos que não se trata de uma concepção de representação fundada na existência das coisas em si no mundo, que carregam sentido intrínseco, e que a linguagem, se bem manipulada, seria capaz de expressar de maneira transparente. Essa concepção positivista e conservadora consiste em acreditar que as significações procuradas estejam totalmente contidas nas coisas, no mundo, na sociedade (LAPLANTINE, 2005, p. 35). A escrita como tradução-descrição do campo diz respeito à maneira como os significantes da descrição estão organizados e produzem sentido sobre uma realidade que *a priori* não tinha. Ver a linguagem apenas como suporte e com função referencial (como é o caso na noção de representação), é esquecer a estrutura do signo já posta por Saussure de que não há relação necessária entre o significante e a coisa designada (SAUSSURE, 1971).

Laplantine lembra o objetivo da descrição etnográfica:

L'écriture descriptive, en particulier dans la recherche ethnographique, ne consiste pas à 'communiquer des informations' déjà détenues par d'autres, à exprimer un contenu déjà là et déjà dit, mais à faire advenir ce qui n'a pas été dit, bref à faire surgir de l'inédit (LAPLANTINE, 2005, p. 35, grifo do autor)¹⁶.

A escrita descritiva-tradutiva, também escrita da diferença, deve criar espanto, estranhamento, novidade tanto em relação à cultura descrita-traduzida, quanto ter um pensamento e um olhar flutuante em relação à nossa.

A tradução-descrição etnográfica em *Tristes Tropiques*

Nesta parte, vamos apresentar alguns exemplos de tradução etnográfica de Levi-Strauss em *Tristes Tropiques* e analisar/descrever os processos de tradução enquanto escrita da diferença e estratégias descritivas, para entender como as questões da alteridade se manifestam nos processos de tradução operados por Levi-Strauss em *Tristes tropiques* (1955).

¹⁶ "A escritura descritiva, em particular na pesquisa etnográfica, não consiste em "comunicar informações" já detidas por outros, em expressar um conteúdo já presente e já dito, mas em fazer advir o que não foi dito, enfim, fazer surgir algo inédito".

O etnógrafo-tradutor, no *continuum* do olhar até a escrita, desenvolve uma escrita da diferença (próprio da etnografia) e uma concepção de tradução que refuta o etnocentrismo e a equivalência, e põe lado a lado as duas línguas/culturas, estabelecendo um encontro de diferenças; uma tradução que não procura transformar o outro em mesmo, mas cria um reconhecimento do outro enquanto outro. A escrita do outro deve permitir reconhecer (e não conhecer, porque o conhecimento torna objeto) a diferença e se conhecer pelo espanto do que poderíamos achar 'normal' na nossa língua/cultura.

Antes de apresentar os diferentes procedimentos de tradução-descrição etnográficas operadas em *Tristes Tropiques* por Levi-Strauss, precisamos explicar rapidamente como foi feito o levantamento das unidades de traduções. Todas os sintagmas em português brasileiro presentes na narrativa foram registrados em uma tabela contendo os seguintes campos:

nº	Unidade de tradução	Tradução	Processo de tradução	Contexto textual	Pg
----	---------------------	----------	----------------------	------------------	----

No campo processo de tradução analisamos e descrevemos as diferentes estratégias do tradutor-etnógrafo que sistematizamos como: hiperonímia; explicação; tradução literal e criação lexical; e definição. Notamos que o encontro entre as duas línguas-culturas acontece por meio de complemento aposto na escrita: entre vírgulas, entre parênteses, precedida de *c'est-à-dire* [quer dizer], *onappelle* [chama-se]; em relação de comparação com *comme* [como], *espèce de* [espécie de]; e ainda, em nota de rodapé quando o texto é longo.

A descrição nos textos etnográficos, e por extensão nas traduções etnográficas, se manifesta de diferentes formas. Ela pode se configurar como um sistema de ordenação e/ou de classificação. Philippe Hamon diz que a descrição é:

[...] un système de mise en ordre et de mise en classement sémiologique. [...] Avant de classer le monde, d'être écriture du monde, la description classe d'autres systèmes de classement, est réécriture d'autres systèmes de classement. Réticulation textuelle, réticulation du lexique, la description est d'abord réticulation d'un extra-texte (classifications, discours encyclopédiques, vocabulaires spécialisés, textes divers du savoir officiel sur le monde, catégories idéologiques) déjà réticulé et rationalisé (HAMON, apud POUJEOISE, 2001, p. 96)¹⁷.

¹⁷ "[...] um sistema de ordenamento e de classificação semiológico. [...] Antes de classificar o mundo, a descrição classifica outros sistemas de classificação, ela é

Podemos dizer que a definição, a explicação, a tradução literal e a hiperonímia são tipos de descrição que articulam conhecimentos como meios de escrever sobre o mundo. Para cada tradução-descrição etnográfica podemos encontrar vários procedimentos, ou seja, uma tradução literal pode ser seguida de uma explicação, ou de uma definição etc. Reencontramos aqui a concepção de Malinovski (1974) de tradução etnográfica como sucessiva.

Esquematizamos os tipos de tradução-descrição etnográfica da seguinte forma (Figura 1):

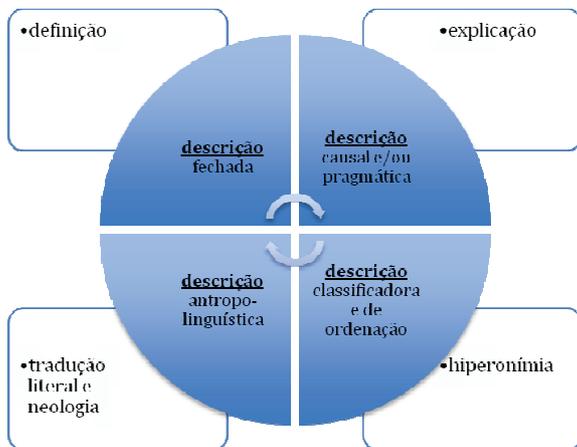


Figura 1. Tipos de tradução-descrição.

Descrição fechada: definição

O termo definição designa a atribuição de um limite, de um fim (de-finir), por isso a caracterizamos como descrição fechada. A definição designa a produção de uma sequência em língua natural de traços pertinentes de significação ou todos os traços conceituais pertinentes. Alain Rey (1979), apesar de estabelecer uma distinção entre definição e descrição, reconhece que

En fait, bien des définitions de dictionnaires (linguistiques, distinguant des sens et des usages) et surtout encyclopédies (distinguant des classes d'objets et des notions) sont des descriptions (REY, 1979, p. 42)¹⁸.

Em *Tristes Tropiques*, encontramos algumas traduções-descrições que se valem de uma escrita-definição, sobretudo para nomes de objetos. É interessante notar que mesmo quando a realidade existe na língua francesa, ele opta por uma definição e não pelo nome da coisa em francês como é o caso de *Pipoca* (em francês *pop-corn*) que ele traduz por

re-escritura de outros sistemas de classificação. Reticulação textual de um extratexto (classificação, discurso enciclopédico, vocabulários especializados, textos diversos do saber oficial sobre o mundo, categorias ideológicas) já reticulado e racionalizado”.

¹⁸“De fato, várias definições de dicionários (linguísticos, distinguindo sentidos e usos) e sobretudo enciclopédicos (distinguindo classes de objetos e noções) são descrições”.

uma definição, *grain de maïs éclatés en flocons* (como veremos nos exemplos). Além disso, sendo, na maioria das vezes, traduções de objetos, classes de objetos e de noções, as definições podem ser caracterizadas como enciclopédicas.

Vejamos alguns exemplos:

11. Peneiras e abanicos:

Les produits en vente conservaient un style plus pur: *peneiras*, tamis à farine de manioc de facture typiquement indienne, formés d'un treillis lâche de bambous refendus et cerclés de lattes; *abanicos*: éventails à feu, aussi hérités de la tradition indigène, et dont l'étude est plaisante; car chaque type représente une solution ingénieuse pour transformer par le tressage, la structure perméable et échelonnée d'une feuille de palmier en une surface rigide et continue, propre à déplacer l'air quand elle est violemment agitée (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 122, grifos do autor).

[Os produtos à venda conservavam um estilo mais puro: *peneiras*, tamis de farinha de mandioca de feitura tipicamente indígena, formados de uma rede frouxa de bambu divididos e cercados de ripas; *abanicos*, leques para fogo, também herdados da tradição indígenas, e cujo estudo é agradável; pois cada tipo representa uma solução engenhosa para transformar pelo entrançamento, a estrutura permeável e desgrenhada de uma folha de palmeira numa superfície rígida e contínua, própria para deslocar o ar quando violentamente agitada.]

Temos aqui uma tradução-definição de ‘peneiras’ e de ‘abanicos’ (no plural no texto). A unidade em português é seguida de uma definição enciclopédica.

13. Figa:

Un autre objet particulièrement attrayant des marchés paulistas était la *figa*. On appelle *figa*, figue, un antique talisman méditerranéen en forme d'avant-bras terminé par un poing fermé, mais dont le bout du pouce émerge entre les premières phalanges des doigts du milieu (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 123, grifos do autor).

[Outro objeto particularmente atraente das feiras paulistas era a *figa*. Chama-se *figa*, figa, um antigo talismã mediterrâneo em forma de antebraço terminado por um punho fechado, mas cujo polegar emerge entre as primeiras falanges dos dedos do meio.]

Aqui a unidade ‘figa’ é precedida de *on appelle* [chama-se] seguida de uma tradução literal *figue* e de uma definição enciclopédica.

49. Pipoca:

L'hôtesse prépare le café, torréfié jusqu'au noir brillant dans le fond de sucre, et une *pipoca*, grains de maïs éclatés en flocons avec des lardons; on

rassemble les chevaux, on les selle et on part (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 179, grifo do autor).

[A anfitriã prepara o café, torreficado até o preto brilhante no fundo de açúcar, e uma *pipoca*, grãos de milho estourados em flocos com bacon; reunimos os cavalos, selamos e partimos.]

'Pipoca' é seguida da definição. Importante notar aqui que Levi-Strauss opta pela definição e não pela tradução direta em francês 'pop-corn'.

Descrição antropolinguística: tradução literal e neologia

A tradução literal procura ficar o mais perto possível do recorte do mundo produzido pela língua/cultura de partida. Ela se caracteriza como uma interlíngua que causa estranhamento pela irrupção da língua traduzida na língua que traduz. Também se caracteriza como tradução-mestiçagem, já que ela mestiça as línguas em presença. Podemos dizer que se trata do que denominamos de descrição antropolinguística, ou seja, uma tradução da visão de mundo linguisticamente construída.

Ela caracteriza-se como tradução mestiçada e mestiçante já que as duas culturas estão presentes, uma tradução encontro e não transporte em que a língua (a que o etnógrafo-tradutor usa para a descrição; a língua que traduz) é modificada pela língua traduzida. Nas traduções de Levi-Strauss, a tradução literal é, às vezes, seguida de uma explicação. Além disso, por ser literal, Levi-Strauss também propõe criações lexicais (neologia). Apresentamos alguns exemplos de tradução literal:

17. comida quente e comida fria:

Il y avait aussi les croyances et les superstitions dont il était intéressant de faire la carte: cure de orgelet par l'impression d'un anneau d'or; répartition de tous les aliments en deux groupes incompatibles: *comida quente*, *comida fria*, nourriture chaude et nourriture froide (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 124, grifos do autor).

[Havia também as crenças e as superstições das quais era interessante mapear: cura de terçol pela impressão de um anel de ouro; repartição de todos os alimentos em dois grupos incompatíveis: 'comida quente', 'comida fria'].

A descrição aqui é operada pela tradução literal do nome e não pela descrição da coisa e/ou do objeto. O que interessa é o classificador de alimentos.

25. Povoador e plantador de cidade:

D'autres patrimoines ont un caractère laïque, quand un propriétaire décidait de se faire *povoador*, 'populateur' et même *plantador de cidade*: 'planteur',

mais 'de ville' (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 128, grifos do autor).

[Outros patrimônios têm um caráter laico, quando um proprietário decidia se tornar *povoador*, (-) e até *plantador de cidade*: (-)]

Aqui a descrição-tradução de 'povoador' e 'plantador de cidade' se dá por uma tradução literal que pede uma criação neológica em francês, *populateur*. No caso de 'Plantador de cidade', temos a tradução literal com a conjunção *mais* [mas] mostrando que é um plantador de algo que não se esperaria em francês *de ville* [de cidade], causando/manifestando o espanto, o estranhamento, característico da escrita da diferença.

41. campo limpo e campo sujo:

Les villages se font rares, et plus vastes les espaces qui les séparent: tantôt *dégagés*, et c'est le *campo limpo*, la savane « propre »; tantôt *broussailleux* et nommés alors *campo sujo*, savane « sale », ou encore *cerrado* et *caatinga* qui sont deux espèces de maquis (1955, p. 133, grifos do autor).

[Os vilarejos eram raros, e mais vastos os espaços que os separavam: ora desobstruídos, e é o *campo limpo*, o cerrado « limpo »; ora cobertos de selva e nomeados então *campo sujo*, cerrado « sujo », ou ainda *cerrado* e *caatinga* que são duas espécies de savanas].

'Campo limpo' e 'campo sujo' são traduzidos literalmente por *savane propre* e *savane sale* de maneira a apresentar o olhar linguisticamente construído do recorte da realidade. É, no entanto, precedido de uma explicação da oposição sugerida/conotada pelos adjetivos 'limpo/sujo' que são destacados entre aspas, manifestando o espanto e o estranhamento, '*tantôt dégagés [...] tantôt broussailleux*'.

Descrição classificadora: a hiperonímia

A hiperonímia é uma relação de significação entre o significado e o significante. As relações de hiperonímia e hiponímia se organizam em uma estrutura hierarquizada (relação de classificação). Para Maria Aparecida Barbosa (1998), a hiperonímia é quando a primeira expressão mantém com a segunda uma relação de classe-elemento. Assim, a hiperonímia/hiponímia é quando dois ou mais elementos do conjunto significante em relação de oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva, co-hipônimos, todos subordinados a um significado mais extensivo.

A hiperonímia permite a classificação hierárquica dos elementos descritos. Levi-Strauss faz uso dela, sobretudo, para nomes de animais e de elementos

naturais (biomas, tipos de vegetação). Com efeito, quando esses elementos naturais não existem na realidade da língua/cultura que traduz, para não estabelecer equivalência com um elemento natural ‘parecido’, Levi-Strauss opta por classificá-lo em uma categoria maior (englobante). Geralmente, a hiperonímia apresenta-se precedida de *c’est-à-dire* [quer dizer], de *espèces de* [espécie de] ou ainda entre vírgulas.

7. capoeira:

Dans les vallées, la végétation a repris possession du sol; mais ce n’est plus la noble architecture de la forêt primitive: la *capoeira*, c’est-à-dire la forêt secondaire, renaît comme un fourré continu d’arbres grêles (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 102, grifos do autor).

[Nos vales, a vegetação retomou posse do solo; mas não é mais a nobre arquitetura da floresta primitiva: a *capoeira*, quer dizer a floresta secundária, renasce como um cerrado contínuo de árvores esguias].

Capoeira é traduzida-descrita a partir de seu hiperônimo *forêt secondaire* precedido de *c’est-à-dire* [quer dizer]. Existem vários tipos de florestas secundárias, a ‘capoeira’ é uma delas, mas como não existe esse tipo em francês, Levi-Strauss opta pelo nome classificador.

157. Maribundo, Piums, Borrachudos e Pais-de-mel:

Le lieu était malheureusement infesté des insectes habituels: guêpes, *maribundo*, moustiques, *piums* et *borrachudos* qui sont d’infimes mouchérons suceurs de sang, volant en nuées; il y avait aussi les *pais-de-mel*, pères de miel, c’est-à-dire les abeilles (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 315, grifos do autor).

[O lugar era infelizmente infestado dos insetos habituais: vespas ‘maribundo’, mosquitos, ‘piums’ e ‘borrachudos’ que são ínfimos mosquitos sugadores de sangue, voando em núvens; havia também os ‘pais-de-mel’, pais de mel, quer dizer as abelhas].

A tradução-descrição de insetos tais como ‘maribundo’, ‘piums’ e ‘borrachudos’ é feita a partir do nome de tipos de insetos em francês, ou seja, hiperônimos: ‘maribundo’ – *guêpe*; ‘piums’ – *moustiques*; ‘borrachudos’ – *mouchérons*. Este último não permitindo ‘visualizar’ o tipo particular do Brasil (apenas seu tamanho *infimes*) é seguido de um traço caracterizante *suceurs de sang*. Quanto à ‘pais-de-mel’, a tradução-descrição hiperônima, *abeilles*, é precedida de *c’est-à-dire* [quer dizer], ele-mesmo precedido de uma tradução literal *père de miel*, de maneira a apresentar a construção linguística operada pelo nome em português.

Descrição causal e/ou pragmática: a explicação

A explicação pode, segundo Mario Bunge, ser definida como:

(i) que consiste en responder a cuestiones de porqué (aspecto pragmático); (ii) que se refiere a fórmulas, las cuales pueden o no referir a su vez a hechos y estructuras (aspecto semántico); (iii) que consiste en una argumentación lógica con proposiciones generales y particulares (aspecto sintático) (BUNGE, 2011, p. 462)¹⁹.

Verificamos, nas traduções de Levi-Strauss, a primeira modalidade, a de respostas a um ‘por quê’, isto é, pragmática, sobretudo quando ele traduz nomes de cidades, como veremos nos exemplos abaixo.

Em uma perspectiva filosófica, a explicação responde a pergunta da causa do evento em questão (aqui o nome dado à cidade). O que se quer é a especificação do evento que conjugado a alguns fatores causais seja suficiente para determinar a ocorrência do evento a ser explicado. Para Toulmin, explicar uma coisa e/ou um nome significa, muitas vezes, “[...] mostrar que ela podia ser esperada [...]” (TOULMIN, 1950, apud ABBAGNANO, 1998, p. 426).

Assim, denominamos esse tipo de descrição de explicação causal e pragmática, já que Levi-Strauss, nessas traduções, explica o nome em português brasileiro ou a qualidade de uma coisa procurando responderá a pergunta do porquê do nome e traz o fator causal da origem como podemos ver nos exemplos a seguir:

27. Batatais, Feijão-cru e Arroz-sem-sal:

Car même dans le cycle de vie si bref qui était le leur, les agglomérations trouvaient encore le moyen de changer plusieurs fois de nom, chacune de ces étapes étant également révélatrice de leur devenir. Au début, un simple lieu-dit repéré par un sobriquet; soit à cause d’une petite culture au milieu de la brousse: *Batatais*, Pommés-de-terre; soit en raison d’une carence de combustible pour chauffer la gamelle dans un site désolé: *Feijão-Cru*, Haricot-cru; enfin parce que les provisions manquent en atteignant une étape lointaine, qui devient: *Arroz-sem-sal*, Riz-sans-sel (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 128, grifos do autor).

[Pois até no ciclo de vida tão breve que era o delas, as aglomerações encontravam ainda o meio de mudar várias vezes de nome, cada uma dessas etapas sendo igualmente reveladora de seu devir. No começo, um simples lugarejo notado por um

¹⁹que consiste em responder a questões de por quê (aspecto pragmático); (ii) que se refere a fórmulas, as quais podem ou não se referir por sua vez a fatos e estruturas (aspecto semântico); (iii) que consiste em uma argumentação lógica com proposições gerais e particulares (aspecto sintático)” (Tradução nossa).

apelido; seja por causa de uma pequena cultura no meio do sertão: *Batatais*, batata; seja em razão de uma carência de combustível para esquentar a marmitta num sítio desolado: *Feijão-Cru*, (-); enfim porque as provisões faltam ao atingir uma etapa longíqua, que se torna: *Arroz-sem-sal*, (-)].

Os nomes das aglomerações tais como ‘Batatais’, ‘Feijão-cru’ e ‘Arroz-sem-sal’ são descritos-traduzidos com uma tradução literal, *Pommes-de-terre*, *Haricot-cru* e *Riz-sans-sel*, o que permite captar a criatividade do nome e produzir o espanto e o estranhamento próprios, como já dissemos, da escrita da diferença, e são seguidos de uma anedota explicativa sobre o porquê e/ou a causa desses nomes: *soit à cause d'une petite culture au milieu de la brousse*: ‘Batatais’, *Pommes-de-terre*; *soit en raison d'une carence de combustible pour chauffer la gamelle dans un site désolé*: ‘Feijão-Cru’, *Haricot-cru*; *enfin parce que les provisions manquent en atteignant une étape lointaine*, ‘Arroz-sem-sal’, *Riz-sans-sel*.

90. Diamante pintado:

Le syrien Fozzi s'est paraît-il, enrichi en acquérant à bas prix des diamants impurs qu'il chauffait sur un réchaud Primus avant de les tremper dans un colorant; ce procédé donne au diamant jaune une teinte superficielle plus agréable et lui vaut le nom de *pintado*, diamant peint (LEVI-STRAUSS, 1955, p. 243, grifo do autor).

[O sírio Fozzi enriqueceu, ao que parece, adquirindo a preço baixo diamantes impuros que ele esquentava em um rescaldo Primus antes de mergulhá-los em um corante; esse procedimento dá ao diamante amarelo uma cor superficial mais agradável e lhe vale o nome de *pintado*, diamante pintado].

Diamante pintado é seguido de uma tradução literal *diamant peint*, mas precedido de uma explicação do nome (*et lui vaut le nom de* [e lhe vale o nome de]) descrevendo o procedimento empregado para colorir o diamante impuro. Essas explicações dos nomes mostra o quanto cada nome tem uma motivação histórica (e/ou anedótica).

Considerações finais

Levantamos, no total, 251 unidades de tradução em *Tristes Tropiques*. Não trouxemos aqui tudo, claro, mas algumas delas para exemplificar os tipos de tradução-descrição etnográfica (seja a definição, a tradução literal e a neologia, a hiperonímia, a explicação). Temos também, mas não foram tratadas neste trabalho, em quantidade menos significativa (o que não quer dizer que não seja interessante para entendermos os procedimentos de tradução-descrição etnográfica)

a comparação com referência à língua/cultura que traduz. Com certeza será objeto de um futuro trabalho.

A tradução etnográfica vista aqui como processo de descrição nos termos de Laplantine revela de que maneira as questões da alteridade e de escrita da diferença são complexas e devem ser analisadas num eixo delimitado por dois lugares, o do tradutor-etnógrafo e o do outro a ser traduzido-descrito. Trazendo essa questão para os estudos da tradução, podemos dizer que entre os dois polos tradicionais nos discursos teóricos: língua de partida/língua de chegada; autor/leitor; letra/espírito; sentido/forma etc, existe um espaço onde o tradutor opera o encontro. As traduções nunca são totalmente literais ou totalmente livres. Temos elementos de ambas as abordagens e, por isso, trata-se de analisar, nesse ‘espaço-entre’, onde o tradutor realizará sua escrita. Pois a conjunção que gera a tradução-descrição etnográfica é a conjunção ‘e’ (e não ‘ou’), que como diz Deleuze, não é:

[...] ni une réunion, ni une juxtaposition, mais la naissance d'un bégaiement, le tracé d'une ligne brisée qui part toujours en adjacence, une sorte de ligne de fuite active et créatrice (DELEUZE, 1976, p. 16)²⁰.

No caso da tradução-descrição etnográfica, ela tenderá a ficar mais perto do autor, da origem, da língua/cultura do outro, mas nunca se situará nesse ponto, já que traduzindo, o tradutor já faz um passo em direção ao leitor, à língua/cultura que traduz. Recusamos assim, a noção de entre-lugar onde lugar está no singular, já que o espaço sempre existirá entre dois lugares. Se retomarmos o conceito de ‘espaço’ da geografia, em particular de Milton Santos (1996), só existe espaço no ‘entre’. Nos polos, existem lugares. O ‘espaço-entre’ se configura como conjunto de possibilidades de lugares-escrita que só se efetivam pela escrita. Pensando o ‘entre-lugares’ em tradução, entendemos que os dois lugares se situam nas respectivas línguas/culturas, e é no ‘espaço-entre’ que se dá o jogo das tensões da leitura crítica, e onde se efetiva, em algum lugar desse ‘espaço’, a escrita tradutória.

A tradução-descrição etnográfica enquanto escrita da diferença é uma escrita ‘différée’ (deslocada), que não pode se acomodar com a indiferença, isto é, de apagamento da diferença linguística e cultural, mas, pelo contrário, deve operar recursos sintáticos e lexicais da língua que traduz para acolher o outro. Trata-se de uma descrição, de um ‘fazer ver’ pelas palavras. Essa

²⁰“nem uma reunião, nem uma justaposição, mas o nascimento de um balbúcio, o traçado de uma linha despedaçada/quebrada que parte sempre em adjacência, uma espécie de linha de fuga ativa e criadora”.

concepção deve-se ao fato que a tradução-descrição etnográfica não dissocia o estudo da cultura (*ethnos*) da questão da escrita (*graphê*), mas faz dessa relação sua especificidade. A descrição-tradução etnográfica é uma realidade antropológica que se torna linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARBOSA, M. A. Relações de significação nas unidades lexicais. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1998, Recife. **Anais...** Recife: UFPE/CNPq, 1998. p. 19-40.
- BERMAN, A. **L'épreuve de l'étranger**. Paris: Gallimard, 1984.
- BERMAN, A. **A tradução e a Letra ou o albergue do longínquo**. trad. Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BORGES, J. L. **L'auteur et autres textes**. Paris: Gallimard, 1982.
- BUNGE, M. **La investigación científica: su estrategia y su filosofía**. Trad. de Manuel Sacristán. Barcelona: Siglo XXI Editores, 2011.
- DELEUZE, G. **Rhizome**. Paris: Editions de minuit, 1976.
- LACAN, J. **Le séminaire**. Livre 11, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Seuil, Coll. "Champfreudien", 1973.
- LAPLANTINE, F. NOUSS, A. **Métissages**. De Arcimboldo à Zombi. Paris: Pauvert, 2001.
- LAPLANTINE, F. **La description ethnographique**. Paris: Armand Colin, Coll. "128", 2005.
- LAPLANTINE, F. **Je, nous et les autres**. Paris: Editions Le Pommier, Collection "Manifeste", 2010.
- LEVI-STRAUSS, C. **Race et Histoire**. Paris: Gallimard, Collection Folio Essais, 1952.
- LEVI-STRAUSS, C. **Tristes Tropiques**. Paris: Plon (poche) Collection Terre Humaine, 1955.
- LEVI-STRAUSS, C. **Mythologiques**. Le cru et le cuit. Paris: Plon, 1964. v. 1.
- LEVI-STRAUSS, C. **Mythologiques**. Du miel aux cendres. Paris: Plon, 1966. v. 2.
- LEVI-STRAUSS, C. **Mythologiques**. L'origine des matières de table. Paris: Plon, 1968. v. 3.
- LEVI-STRAUSS, C. **Mythologiques**. L'homme nu. Paris: Plon, 1971. v. 4.
- MALINOWSKI, B. **Les Jardins de corail**. Trad. P. Clinquart. Paris: Maspero, 1974.
- MESCHONNIC, H. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Paris: Verdier, 1982.
- MESCHONNIC, H. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.
- POUGEOISE, M. **Dictionnaire de rhétorique**. Paris: Armand Colin, 2001.
- REY, A. **La terminologie: nomset notions**. Paris: PUF, 1979.
- SANTOS, M. **Natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.
- SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Ed. Charles Bally, Albert Sechehayé, Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1971.

Received on May 8, 2014.

Accepted on September 29, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.